

Pesquisa em Desenvolvimento Rural

Técnicas, Bases de Dados
e Estatística Aplicadas aos
Estudos Rurais

VOLUME 2

**Guilherme Francisco Waterloo Radomsky
Marcelo Antonio Conterato
Sergio Schneider**

ORGANIZADORES

Pesquisa em Desenvolvimento Rural



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor e Pró-Reitor
de Coordenação Acadêmica

Rui Vicente Oppermann

EDITORA DA UFRGS

Diretor

Alex Niche Teixeira

Conselho Editorial

Carlos Pérez Bergmann

Claudia Lima Marques

Jane Fraga Tutikian

José Vicente Tavares dos Santos

Marcelo Antonio Conterato

Maria Helena Weber

Maria Stephanou

Regina Zilberman

Temístocles Cezar

Valquiria Linck Bassani

Alex Niche Teixeira, presidente

Pesquisa em Desenvolvimento Rural

Técnicas, Bases de Dados
e Estatística Aplicadas aos
Estudos Rurais

VOLUME 2

Guilherme Francisco Waterloo Radomsky
Marcelo Antonio Conterato
Sergio Schneider

ORGANIZADORES

© dos autores
1ª edição: 2015

Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Capa: Carla M. Luzzatto
Revisão: Carlos Batanoli Hallberg
Editoração eletrônica: Fernando Piccinini Schmitt

P438 Pesquisa em desenvolvimento rural: técnicas, base de dados e estatística aplicadas aos estudos rurais – volume 2 / Organizadores Guilherme F. W. Rodomsky, Marcelo Antonio Conterato [e] Sergio Schneider. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2015.
344 p. : il. ; 16x23cm

(Série Estudos Rurais)

Inclui figuras, quadros e tabelas.

Inclui referências.

1. Agricultura. 2. Desenvolvimento Rural – Pesquisa - Técnicas de investigação. 3. Pesquisas socioeconômicas – Amostragem. 4. Censo Agropecuário – 2006. 5. Avaliação – Políticas Públicas – Gestão do Conhecimento – Programa de Desenvolvimento Sustentável de Territórios Rurais (PRONAT) 6. Estatística – Investigação rural. 7. Técnicas de investigação – Análise de Resultados. I. Rodomsky, Guilherme Francisco Waterloo. II. Conterato, Marcelo Antonio. III. Schneider, Sergio. IV. Série.

CDU 631.1:316.324.5:001.891

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin – Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-85-386-0266-8

Imaginar o trabalho no rural brasileiro na interface das “logias”: pesquisas com imagens em algumas sociologias, antropologias e outras “ficções reais”

Cornelia Eckert
Rumi Regina Kubo

○ trabalho rural como valor

A produção de imagens do e no meio rural brasileiro é uma das coleções imagéticas privilegiadas de áreas expressivas e interpretativas como a arte, o cinema, a história, a sociologia e a antropologia, entre outros campos artísticos e científicos.

Percorrer as pinturas de artistas de expedições no período colonial como Post (holandês), Debret (francês), Rugendas (alemão) nos remete às primeiras imagens ocidentalizadas de um território selvagem, exótico, pitoresco ou bucólico e propício à exploração civilizatória que se projetava em prol de interesses de impérios colonizadores. Como podemos ler no livro de Lilia Mortiz Schwarcz (2008), *O sol do Brasil*, que trata da obra dos artistas franceses na corte de d. João, a paisagem passava a representar a nacionalidade, novas formas de descobrir outros mundos (para além da Europa arrasada por guerras)

“uma categoria estética oposta ao conceito de sublime que se associa ao tema da nacionalidade, revelando como a paisagem carrega o suposto da diferença e, com ele, a própria noção de identidade” (Schwarcz, 2008, p. 119).

Usando a renomada referência jurídica da data de 1850 como ponto histórico de mutação da política de ocupação do solo no Brasil, as imagens produzidas (fotografias e filmes) configuram transformações rítmicas da era definida por modernidade, plena de paradoxos em relação uso da terra na nação emergente, prorrogando os dilemas nas relações de trabalho fundadas pela exploração latifundiária e escravocrata. Elegemos o valor trabalho (Eckert, 2012) na condição proletária rural determinado por processos econômicos no Brasil moderno como ponto de inflexão para tratar da produção de imagens na trajetória antropológica e sociológica.

Elegemos um ficcional para simbolizar este retrato de época de transformação. O filme contemporâneo *Gaijin – Os caminhos da liberdade* (1980), de Tizuka Yamasaki, nos mostra o drama dos imigrantes trabalhadores japoneses submetidos às condições de trabalho na plantação do café, revelando as ditas “relações não capitalistas de produção no marco da reprodução capitalista do capital de origem não capitalista” (Martins, 2011b, p. 19). Certo, não é somente as contradições próprias ao trabalho na grande lavoura de exportação que a nação configura no limiar dos séculos XIX e XX, também a economia de subsistência emerge no sistema econômico pós-escravocrata e evidencia novos protagonistas, os produtores independentes (Vianna, 1958). Estudos sociológicos sobre o trabalho rural nesta conjuntura, refletem a *démarche* intelectual para compreensão do fenômeno das mudanças estruturais na nação tal como postulava o sociólogo Florestan Fernandes: “desvendar os processos de desintegração da vida tradicional rural e a formação de uma sociedade capitalista” (Fry, 2004, p. 11). Como mostra a antropóloga Eunice R. Durham (1978) em *A caminho da cidade*,¹ esses grupos locais, fortemente estruturados por sistemas de organização de parentesco e compadrio, “nunca foram completamente isolados e autossuficientes, e a dependência que manifestam em relação ao mundo exterior é o fundamento da sua integração na sociedade nacional” (Durham, 1978, p. 82). A antropóloga refere-se às dependências técnicas, ecológicas e econômicas e, sobretudo, as redes de parentesco e familiares que assinalam para as dinâmicas de migração campo-cidade e as inúmeras redes de relações que se compõem neste movimento.

¹ Um estudo antropológico sobre as contradições próprias ao trabalho de imigrantes italianos na grande lavoura de exportação em regiões cafeeiras e o fenômeno da migração para São Paulo – e outros centros urbanos – em formação no final do século XIX e início do século XX.

O que os inúmeros estudos de época focam, é a intensa relação entre o fenômeno do trabalho rural (e o desenvolvimento econômico neste âmbito) com as demais esferas de transformação social que se consolidam: o trabalho industrial nas cidades que se conformam e o próprio fenômeno urbano, o desenvolvimento tecnológico e político, etc.

Estas breves ponderações sobre o processo histórico da economia rural que vislumbramos na perspectiva do trabalho e dos trabalhadores na emergência do capitalismo brasileiro (final séc. XIX e início do séc. XX), nos incitam a propor que a reflexão sobre a produção imagética neste contexto não pode ser desvinculado do reconhecimento sistemático dos processos de desenvolvimento urbano e tecnológico (em especial a técnica da fotografia e do filme, do retrato, das coleções, do cinema, etc.), das dinâmicas político-culturais, tanto quanto, por outro lado, da trajetória das disciplinas humanas e sociais, em especial as modernas sociologias e antropologias.

Interregno: a pesquisa com imagens

Podemos repertoriar inúmeras ações que implicaram no ato de fotografar ou filmar (vídeo) grafar os contextos rurais no Brasil. A perspectiva científica esteve presente desde os primeiros estudos temáticos como instrumentos testemunhais e de registro. Produção que, por um lado, nascia do próprio interesse científico, por outro visava novos hábitos de consumo como o de colecionar em imagens as trajetórias familiares, os estilos de viver, as viagens e outras formas de testemunho.

Podemos destacar que os “experimentos fotográficos e as ciências sociais surgem enquanto técnica e campo disciplinar aproximadamente em uma mesma época e comprometem-se desde então” (Segala, 2005, p. 73). Dos primórdios da descoberta do conjunto de técnicas que permitem a captura e reprodução da imagem (como a fotografia, cinema) até a atualidade, a possibilidade de produzir imagens se desenvolveu de tal modo que selou a transformação da comunicação social na comunicação de massa. Trazendo consigo a possibilidade de autoconhecimento e reconhecimento, criação artística, de documentação e denúncia (Kossoy, 2001), de forma genérica, passou a ser a mediadora de relações, discursos, entendimentos e formas de sentir e criar.

Dentre as inúmeras possibilidades, as fotografias do final do século XIX e início do século XX sobre o mundo rural têm uma marcada conotação documental, revelando a vida do campo naquela época. Neste conjunto de imagens

destacam-se produções como a do fotógrafo Marc Ferrez (1843-1923), entre outros, cujas fotografias encontram-se reunidas em arquivos públicos e acervos privados. Imagens, que, além dos significados reflexivos, atestam a beleza monocromática de imagens cotidianas na lavoura, minas, acampamentos de frentes de colonização ou construção de ferrovias. Na primeira metade do século XX, uma outra importante vertente reflexiva corresponde aos filmes (e fotografias) documentais de Luiz Thomaz Reis, militar responsável pela documentação imagética da Comissão Rondon² (Tacca, 2001) – para muitos, responsável pelos primeiros documentários etnográficos no Brasil. Também merece destaque as produções de Humberto Mauro, cujas produções em sua maioria subvencionadas pela Fundação Roquette Pinto, configuram-se em uma coleção de narrativas de modos de fazeres do Brasil, com fins difusionistas atrelados a constituição de um Brasil moderno. Os anos 1960 podem ser considerados como um período de eclosão de documentários no cenário nacional, em que podemos destacar o documentário *Aruanda*, de Linduarte Noronha. Esse filme documenta a vida de remanescentes de escravos que haviam fundado um quilombo, dedicando-se a confecção de potes de barro, que são vendidos nas comunidades vizinhas. Inaugura uma estética própria, nordestina. Destaca os pormenores dos modos de vida local, os gestos, as práticas, a ambiência.³

Ao buscarmos refletir sobre a imagem técnica como uma ferramenta para a realização de pesquisas, temos que considerar que tal ferramenta também assume, no conjunto das representações da sociedade uma determinada conotação, conforme o momento histórico, grupos sociais. Assim, ao pensarmos na fotografia, ocorre num primeiro momento associá-la ao seu realismo, como uma representação fiel da realidade, remetendo aos ideais da fotografia objetiva, e ao novo realismo, movimentos que surgiram por volta da década de 1920, como reação aos pictorialistas, cujos adeptos detinham-se nas possibilidades expressivas da fotografia, utilizando-se de distorções, manipulações, e negando o realismo denotado à fotografia. Nas interfaces do debate sobre a natureza da imagem técnica, podemos considerá-la, ora como uma produção documental, ora artística e seus entrecruzamentos (uma fotografia com finalidades documentais, sempre é resultado de uma

² Em 1912 é criada a sessão de “Cinematographia e Photographia” da Comissão, sob coordenação de Luís Thomaz Reis, foi o responsável pelos registros das incursões desta comissão no norte e centro-oeste do país. Segundo Tacca (2001), teria desenvolvido uma técnica artesanal de revelação apropriada para o clima e as limitações da situação de acampamento.

³ Influenciou uma geração inteira de cineastas da época, inclusive Glauber Rocha, que mais tarde associaria seu nome a proposta do Cinema Novo.

sensibilidade estética ou vice-versa), tornando o limite entre essas duas perspectivas muito tênues.⁴

Uma forma de sumarizar estes debates podemos encontrar em Phillippe Dubois (1994), quando este identifica, ao longo da história da fotografia, na relação entre a fotografia e seu referente (a realidade), três momentos: a) a fotografia como espelho do real, b) como transformação do real e c) como traço do real. Uma outra referência clássica sobre fotografia encontramos em Roland Barthes, em que este destaca os diferentes pontos de vista relacionados a fotografia (do fotógrafo, do fotografado e de quem olha a imagem). Algumas das diferentes facetas que a imagem fotográfica (e as imagens técnicas de uma forma geral) aqui esboçadas, somado ao debate contemporâneo das imagens digitais, em que alguns estatutos relacionados a materialidade da imagem e a possibilidade de circulação, são alguns dos pontos fundamentais (Flusser, 2008), resultam em diligências profícuas no que tange o tema do uso da imagem na pesquisa.

O rural representado

Ao buscamos um olhar genérico sobre os trabalhos em torno do tema entre mundo rural e fotografia,⁵ verificamos o predomínio de estudos de conotação histórica, que a partir da análise aos acervos de imagens de fotografos, acervos de museus, bibliotecas, coleções particulares, entre outros, busca identificar as representações à luz do contexto político correspondente. Este conjunto de trabalhos, ao analisar as produções imagéticas de determinada época, elucidam o imaginário social em que a técnica do registro da imagem se apresenta como instrumento de legitimação de discursos e ideários.

Estudos como de Alimonda e Ferguson (1999) destacam nas imagens de alguns acervos do Rio de Janeiro, o registro da vida tradicional rural, mas gradativamente destacando de elementos que atestam o processo de modernização da agricultura em curso nas décadas de 1930, evidenciando estratégias discursivas das elites agrárias visando legitimar todo esse processo de modificação da base produtiva brasileira. Inúmeros trabalhos a partir das primeiras

⁴ Esta tensão, e suas imbricações, tem sido explorada ao seu limite se originando na arte contemporânea (Alvarenga, 1994; Rouillé, 2009) e podemos encontrar paralelos com o debate no campo da antropologia entre literatura e escrita etnográfica (Clifford, 1998).

⁵ Buscamos um levantamento bibliográfico sobre o tema fotografia e rural, nas bases de dados da Web of Science, catálogo de periódicos da capes, complementada por buscas a partir das principais ferramentas de busca na internet (Google).

décadas do século XX tendem a relacionar a realidade rural às diferentes esferas da vida cotidiana de trabalhadores rurais e de modo geral vinculando as experiências migratórias e as especificidades étnico-patrimoniais na área da arquitetura, práticas rurais, grupos étnicos a partir da presença dos imigrantes. Monoculturas de grande escala foram fotografadas por Marcel Gautherot (1919-1996), Pierre Verger (1902-1996). Para as cenas dos trabalhadores rurais, migrantes nacionais e transnacionais encontramos nomes como Peter Lange (s/d), Haruo Ohara (1909-1999), Peter Von Fuss (1904-1978), sobre as paisagens e o casario temos Henrique Revert Klumb (?-1886). Em todas as cenas, a impressão de um vazio demográfico perpassado por um ar de abandono, casas esparsas imersas em uma paisagem natural ou lavouras, imagens estas constituídas pelo olhar urbano, resultado do processo de gradativa urbanização e crescimento das cidades. No entanto, apesar do abandono, as cenas denotam também a presença humana em sua ação transformadora da paisagem, impresso pelo trabalho árduo das famílias, refletindo a imagem de um Brasil que almeja ao progresso.

Desse Brasil, alinhado com o desenvolvimento econômico e com a urbanização, nas décadas seguintes (1950, 1960) processa-se uma série de rearranjos socioeconômicos, entrando em cena atores sociais até então invisibilizados pela leitura de uma história social a partir das elites conservadoras: os trabalhadores rurais e seus mediadores. Esse segmento social insurgente passa a ser repensado pelos demais setores da sociedade, “uns querendo apreendê-lo para controlá-lo; outros para transformá-lo em parte fundamental para uma aliança revolucionária; outros, para assisti-lo, outros para revê-lo no seio do debate cultural de construção de uma [...] identidade nacional” (Tolentino, 2001, p. 13). Nesse contexto, como bem demarca Antonio Candido (1976) em suas reflexões sobre literatura e sociedade, pode-se ressaltar a emergência de uma segunda fase do movimento modernista brasileiro,⁶ que oferece os elementos para um “novo sistema cognitivo nacional”, tanto no plano artístico-cultural como acadêmico, com o debate de temas como “a vocação agrária brasileira, o papel das elites, as relações raciais e classistas, a entrada em cena do movimento operário e sindical e de partidos e grupos doutrinários que questionavam a ordem estabelecida” (Tolentino, 2001, p. 18). É nesse contexto que podemos inventariar elementos e autores pioneiros do uso da imagem na pesquisa do rural brasileiro.

⁶ Introduzida pela Semana de Arte Moderna de 1922.

O imagético do cativo da terra

O sociólogo José de Souza Martins narra em seu livro biográfico *Uma arqueologia da memória social* (2011b) uma trajetória familiar de origem campesina, seja dos seus ancestrais na velha Europa, seja da rede familiar que se tece já no Brasil, em que prossegue a linhagem. Formado nos quadros intelectuais da Universidade de São Paulo, também ali segue uma linhagem de estudos rurais, tendo tido por precursores historiadores dedicados ao tema da proletarização rural como Caio Prado Júnior ou estudos sobre o trabalho escravo e a questão cultural negra no Brasil em suas diversas formas de inserção na condição libertária pós-abolição como os estudos de Florestan Fernandes.

Uma condição de libertação sem emancipação e um mercado de trabalho pleno de contradições: a complexa síntese era a de uma população negra, índia, mestiça e branca miserabilizada e, não raro, “agregada de grandes fazendeiros” em que se configuram não somente a produção capitalista de relações, mas a produção de relações não capitalistas de produção, “reprodução ampliada das contradições do capitalismo” (Martins, 2011b, p. 30 e 31). A atenção sociológica de José de Souza Martins em sua obra sempre vinculou a análise do regime de colonato nas fazendas de café à pesquisa sobre a industrialização em São Paulo (Martins, 2011b, p. 23). Na edição de 2011 compartilhamos as fotografias estudadas para comporem o subcapítulo “O café: as mediações do luxo”. São imagens que reforçam a existência de um significativo acervo sobre a chegada de imigrantes nos portos e a locomoção dos mesmos para a zona de trabalho rural: imagens do desenvolvimento ferroviário, do trabalho agrícola diversificado e, de modo privilegiado, das imigrações alemã e italiana no Rio Grande do Sul, como podemos observar no material levantado pelo historiador Ivo Canabarro no livro *As dimensões da cultura fotográfica no sul do Brasil*, para o primeiro caso e nos livros *Os Colonos do Vinho* do sociólogo José Vicente Tavares dos Santos (1978) e *História da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul* de Loraine Giron e Vânia Herédia (2007), como exemplo de estudo sobre a imigração italiana.

Na sequência fotográfica no livro *O Cativo da Terra*, as iconografias tratam das “permanências e algumas mudanças na organização social do trabalho livre em relação ao trabalho na escravidão, tendo por lógica narrativa a compreensão da revolução econômica e social representada pelo café [...] mediado pelo luxo na sua realização como mercadoria e como lucro” (Martins, 2010, p. 156 e 157).

Como reconhecido “sociólogo rural” no Brasil, é importante referir que a preocupação teórica com o tema do imaginário social entusiasma “o

professor” ao diálogo aproximado com o sociólogo paulista especialista na produção fílmica, prof. Paulo Menezes, com a antropóloga profa. Sylvia Novaes, coordenadora do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia na USP e com o antropólogo visual professor em multimídia na Unicamp, prof. Etienne Samain, a quem dedica o livro intitulado *Sociologia da fotografia e da imagem* (Martins, 2011). Este livro pode ser considerado marco na sociologia brasileira por ser um dos únicos a abordarem a pesquisa sociológica com imagens. Nesta obra a aproximação com a antropologia é sistemática, referindo-se, o autor, aos esforços de utilização como fonte e registro factual da fotografia, filme e vídeo para estudo da realidade social (Martins, 2011c, p. 9). Para desempenho desta técnica no campo das ciências sociais não há como não propor o método de interação entre o pesquisador e as populações que estuda em seu consentimento para a tomada de imagens. Metodologia etnográfica esta, pilar da antropologia e seu campo interpretativo.

O autor cita com propriedade as análises pioneiras de Pierre Bourdieu (1965, 1990) sobre o advento da fotografia em sociabilidades camponesas e tradicionais (Martins, 2011c, p. 17). A imagem fotográfica, como um conhecimento popular, é um significativo dado de pesquisa a ser interpretada por sociólogos e antropólogos, que tomam a imagem como metodologia em suas técnicas de investigação. “Todos esses recursos técnicos pressupõem que a sociedade equivale ao verbalizável, ao memorável, ao escrevível e ao visível. Resta saber se no verbalizável há indícios do indizível, se na fala há evidências do silêncio. Ou se no visível há indícios do invisível” (Martins, 2011c, p. 26 e 27), pondera o autor ao fazer jus à metodologia relacionada ao estudo dos processos sociais nas mais diversas tradições de análise (durkheimniana e marxista, por exemplo). Questões que foram base para o curso de Sociologia Visual que ministrou na Universidade de São Paulo em 2000 e 2002 com a cooperação da antropóloga Fraya Frehse, pesquisadora de acervos fotográficos em contextos urbanos.

Dedicando-se ao estudo sociológico da fotografia e produzindo fotografias, José de Souza Martins propõe que “a fotografia nutre a sua interpretação por uma contínua remessa ao real, que não se deixa congelar, que não interrompe o seu fluxo e que, por sua vez, agrega e redefine significações ao que só aparentemente é um congelamento de imagem, e nesse sentido, um retrato da sociedade em certo momento” (Martins, 2011c, p. 27).

Em três capítulos o autor relaciona a produção de imagens com o papel do fotografável no Brasil em eventos como expressões religiosas rurais (tradições) e movimentos sociais rurais (contestados, guerras, luta pela terra). Fotografias que retratam as rotinas de peregrinação e cenas de fé em criativas

estéticas que mesclam estilos de barroco às referências ao cinema novo brasileiro com filmes de Glauber Rocha, entre outros (Martins, 2011c, Cap. 2). O capítulo que segue é dedicado à obra do fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado, em especial suas narrativas intituladas *Êxodos* e *Terra*, propondo esta coleção a partir de uma leitura crítica (Martins, 2011c, p. 104). Neste íterim sugere o autor que “a fotografia de Salgado é uma fotografia que documenta, sem pretendê-lo, as grandes perdas do imaginário da esquerda” (Martins, 2011c, p. 105), sobretudo no que tange a série sobre o Movimento Sem-Terra e do arrombamento triunfante da porteira de uma fazenda invadida no Paraná. Imagem também analisada em outro artigo intitulado “A epifania dos pobres da terra”, no livro *Fotografia* (Mammi e Schwarcz, 2008). Agora é sobremaneira o tema da autoria presencial partilhando o evento que o autor coloca em alto relevo. Chama a atenção para o ponto de “olhar” feita pelo fotógrafo que se aproxima da problemática testemunhal das imagens produzidas em trabalhos sociológicos e antropológicos bem como a repercussão que as imagens produzidas tomam no contexto da mídia ou no âmbito do próprio movimento dos trabalhadores rurais sem-terra.

O ato fotográfico tanto quanto a interpretação de imagens se consolida, na obra do “sociólogo rural brasileiro” um recurso metodológico concretizado em sua força de análise de realidades sociais, em suas palavras e evocando a obra “A câmera clara” de Roland Barthes de 1984:

[...] é na tensão entre o *punctum*, como ponto de impacto visual, e a coadjuvação dos componentes complementares da imagem, residuais e imprecisos, que se pode fazer a leitura não só da imagem, mas do imaginado que a situa e define. [...] A fotografia pode mostrar a diferença de valores, concepções e regras que regulam a mesma atividade em diferentes sociedades no especular do que é fotografado, a sociedade invisível como tal que se manifesta nos modos como as pessoas se apresentam e se relacionam, sobretudo em público (Martins, 2011c, p. 173).

Precursos da liberdade

Uma guinada crítica pode ser reconhecida em filmes ficcionais como *Deus e o Diabo na Terra do Sol*, de Glauber Rocha, *Vidas Secas*, de Nelson Pereira dos Santos (1961) ou ainda em documentários sobre a condição da vida no campo, em especial no norte e no nordeste agrestes, já imaginados e representados nas obras de literatos e poetas brasileiros como Guimarães Rosa e Ferreira Gullar.

Nesta inspiração citamos a obra *Cabra Marcado para Morrer*, de Eduardo Coutinho. Certamente um dos documentários mais analisados pelos cientistas

sociais brasileiros por evidenciar convergência ao cine verdade e ao neorealismo italiano. O filme que trata de narrar a trajetória de um líder camponês, João Pedro Teixeira, como sabemos, foi interrompido pelo regime militar e só finalizado já no limiar dos anos 1980, desta vez já inspirado na antropologia compartilhada do cineasta antropólogo francês Jean Rouch (Lins, 2004).

Esta escola tem por herdeiros cineastas que documentaram as condições de trabalho no campo e conflito de luta pela terra. Como propõe Arlindo Machado, “essa geração passa a rejeitar representações totalizadoras, deixa patente nas obras as suas próprias dúvidas e a parcialidade de sua intervenção, interroga-se sobre os limites de seu gesto enunciativo e sobre a sua capacidade de conhecer realmente o outro” (Machado, 2001, p. 263). A câmera se subjetiva na vigilância epistemológica do pesquisador em seu *cliv* ou seu *rec*, e o objetivo de um trabalho de restituição é o projeto privilegiado do cientista social documentarista em que “a estética do filme é a ética, o compromisso com o grupo que me consente a filmagem” (expressão de Jean Arlaud em *O cinema como uma dança*, 2004), a preocupação com a restituição da palavra do Outro, da pesquisa compartilhada, dialogada e consentida.

Não é um sociólogo nem um antropólogo que ganha aqui destaque de citação e sim o economista José Roberto Novaes, que desenvolve na Universidade Federal do Rio de Janeiro um projeto de extensão desde 1992, intitulado “Educação através das Imagens”. Beto Novaes – nome artístico – propõe o conhecimento do trabalho rural em suas contradições, seus paradoxos, suas disjunções com uma imensa coleção documental sobre o trabalho infantil, os problemas de saúde, os conflitos diários, os embates com os poderosos dos agronegócios, as questões de gênero, da sobrevivência, da educação, da migração, do sindicato dos produtores rurais, etc., soma-se ainda, o tema do resgate de memória de militantes da causa social por direitos dos trabalhadores.

Podemos iniciar sua extensa filmografia citando o filme nomeado “Expedito: em busca de outros nortes”, reconhecido com vários prêmios de festivais de filmes. Os trabalhadores da cana são os atores sociais privilegiadamente focados nos seus filmes como “Califórnia Brasileira” que trata das tensões entre o macromundo dos agronegócios e o micromundo do trabalho nos canaviais das usinas de açúcar e álcool na região de Ribeirão Preto (SP). Também o filme *Conflito* (2012) revela as péssimas condições de vida e trabalho e as tensões entre trabalhadores e representantes de uma usina de cana de açúcar, no interior de São Paulo, expondo um dos processos de dilacerações de maior envergadura para esses trabalhadores migrados da Paraíba, Ceará e Pernambuco, entre outros estados. Problemáticas estas aprofundadas em oficinas de imagens e com parceiros institucionais, que vão desde a própria uni-

versidade do diretor, a UFSCAR, a Pastoral dos Migrantes, e a FioCruz, entre outros, resultando em trabalhos como *Guariba 84* (2002), *Migrantes* (2009), *Nuvens de Veneno* (2013), que trazem à tona a percepção dos trabalhadores sobre as transformações na estrutura produtiva em que estão inseridos, em suas condições de trabalho, de organização da categoria, de luta por garantia de seus direitos e pela continuidade de suas identidades laborais. Apesar do artigo de sua autoria, “Trabalhadores da cana: imagens, memória e identidade”, se referir em especial ao filme *Califórnia à Brasileira* (1991), podemos ampliar para o conjunto de sua obra o compromisso com construir os trabalhadores em suas trajetórias e biografias em condições limites de trabalho, de injustiças, de saúde. O diretor compartilha assim seus ensinamentos sobre o produzir imagens no campo, com os trabalhadores e para os trabalhadores:

Valorizo “as narrativas dos trabalhadores como uma via de conhecimento das representações e práticas que, por sua vez, constroem elos entre o passado e o presente, explicitam tensões e identidades. Nesse contexto, recursos visuais – fotos e vídeos – têm sido fundamentais para acionar a memória coletiva, para reconstruir trajetórias pessoais, percursos familiares, histórias de lutas sociais que ocorreram na região. Em outras palavras, respaldada por técnicas visuais já legitimadas na área das ciências sociais e da história oral, a pesquisa busca produzir conhecimentos sobre a vida social deste segmento de trabalhadores” (Novaes, 2004, p. 78).

É importante lembrar aqui ao menos três documentários que reverberam esta perspectiva dialógica e com repercussão pela circulação heterodoxa e polifônica destas vozes em imagens. Referimo-nos a *Terra para Rose*, de Tetê Moraes (2006), sobre o movimento dos sem-terra no Rio Grande do Sul, *João Sem Terra*, de Teresa Noll Trindade, sobre a vida do trabalhador rural que tornou-se símbolo de resistência no Movimento dos Agricultores Sem-Terra (Master) e *Terra de Quilombo*, de Murilo Santos (2004), que trata dos trabalhadores rurais em Alcântara, Maranhão.

Retomando as experiências oficinairas com trabalhadores rurais, destacamos o trabalho com imagens e estudos de Maria Aparecida de Moraes Silva. Trata da cultura do mundo rural e estudos da memória destes trabalhadores. Autora de livros como *A luta pela terra*, *Experiência e memória* e *Errantes do Fim do Século*, ela constrói narrativas fotográficas da experiência laboral e interdisciplinar de cerâmica em que os atores sociais pesquisados são artistas de objetos de argila e teares. Segundo a autora a metodologia proposta:

Visava à incorporação dos objetivos teóricos e práticos relacionados a (re)descoberta da experiência e do saber de homens e mulheres, originários de várias

regiões do país: Vale do Jequitinhonha/MG, interior da Bahia, de Pernambuco, Alagoas, Paraná, Mato Grosso do Sul (Silva, 2005, p. 298).

Distante de suas terras genitoras, as lembranças também se mitigavam para esta população explorada em situações de trabalho nos canaviais. Muitos reunidos nos espaços do Assentamento Bela Vista do Chibarro (Araraquara/SP), onde viviam a heterogeneidade da identidade de pertença e o conflito do desconhecimento. Silva relata a experiência da Oficina em Argila no artigo “Das mãos à memória” (Silva, 2005) e documentada em fotografia (Silva, 2005, p. 315), que testemunham este estudo de recriação da memória social dos trabalhadores rurais, em especial por serem atores marcados pelo domínio totalizante do agronegócio, cujas leis e ordem estão submetidos nas formas de produção na grande propriedade da terra (Silva, 2005, p. 314).

Alguns percursos etnográficos nas ruralidades

Os antropólogos brasileiros precursores na pesquisa em contextos rurais cedo tiveram a preocupação do registro de ritos e os objetos simbólicos relacionados aos sistemas de crença relacionados às atividades extraordinárias em relação à vida cotidiana. São imagens de pesquisas etnológicas e etnográficas como os da pesquisadora paulista Maria Isaura Pereira de Queiroz na década de 1960, tratando dos processos de mudança cultural. Na área antropológica dificilmente pode-se desvincular as pesquisas rurais dos estudos etnológicos que trataram de frentes de expansão e os conflitos com comunidades tradicionais de indígenas e negros. Neste cômputo vale citar os trabalhos documentais e filmicos do diretor Vincent Carelli com projeto não governamental denominado Vídeo nas Aldeias (Araújo, 2011) e com extensa produção e o material fotográfico de Carlos Rodrigues Brandão sobre cultura popular de grupos negros como publicado na revista eletrônica Studium (2002). Para Brandão, com pesquisa sobre as festas camponesas de cunho folclórico profanas ou sagradas no interior de Goiás, Minas Gerais, São Paulo entre outros, declara ter uma importante coleção de fotos a cores e em preto e branco e material sonoro gravado e tiradas em suas pesquisas sem uma fundamentação na teoria da imagem ou da linha de pesquisa definida como antropologia visual e sonora (Martinello, 2010). A revisitação ao seu material fotográfico e sonoro sobre festas, rituais e festejos configura retinas de comunidades negras e camponesas que evidenciam perspectivas plásticas, interativas, performáticas, teatrais, dramáticas no que evidencia uma preocupação teórica com o reconhecimento da pessoa em suas identidades culturais e políticas.

Interessante que o autor que relata em força poética a dança dos congos, as cavalhadas, por situações diversas como a própria limitação tecnológica (custos e formação) confessa que “Vivi o começo de minha vida de antropólogo em um tempo em que ainda não se dava à imagem o valor teórico e o lugar no texto reservado a ela – entre ambiguidades e reticências – hoje em dia. Em alguns casos era dada uma maior relevância à presença de fotos em um texto etnográfico, quando o próprio teor performático da pesquisa exigia um outro texto: o da imagem” (Brandão, 2005, p. 163). Mais recentemente Brandão publica com uma equipe sua produção fotográfica em livros de fotografias de pesquisa desenvolvidas na Serra da Mantiqueira intitulados *O afeto da Terra* e *o Povo dos Pretos de Baixo*. Destaca o autor não só a importância da presença expressiva (Brandão, 2005, p. 169), mas o poder descritivo. Por um lado, se o papel primeiro era ilustrar de forma ainda rudimentar, o avanço no recurso imagético era de retratar a pessoa da fala, da cena humana, em sua história narrada (Brandão, 2005, p. 169).

Na antropologia os estudos com densidade etnográfica se configuram sobremaneira a partir dos anos 1960. Período em que os estudos de comunidade com enfoque etnológico e totalizantes recebem uma forte crítica no âmbito da disciplina que se moderniza. Emerge uma nova política de formação com programas de pós-graduação em antropologia social ou ciências sociais que se estruturam a partir de projetos e linhas de pesquisa. No que tange o tema de estudos rurais, cedo se destaca o projeto “Emprego e mudança socioeconômica no Nordeste” (Melatti, 1984, p. 23), que resultou em tomadas fotográficas como acervo de pesquisa nos trabalhos desenvolvidos ou coordenados por antropólogos como Moacir Palmeira, Lygia Sigaud, José Sérgio Leite Lopes e Rosilene Barbosa Alvim da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Os estudos de José Sérgio Leite Lopes e Rosilene Barbosa Alvim sobre a proletarização de trabalhadores plantadores da cana-de-açúcar no contexto pernambucano, que testemunha as experiências de pesquisa de mestrado e doutorado destes antropólogos no Museu Nacional, conformam um acervo apresentado no documentário intitulado *Tecido Memória*, de 2008. Este surge do registro de campo após o intervalo de 30 anos desde o início dos trabalhos com estes grupos, e a partir dos instrumentos da antropologia visual, visualiza a possibilidade de uma “memória objetivada no campo revisitado”:

[...] a etnografia de longa duração pode agora conter um documento construído com a participação explícita dos pesquisados — editados e mostrados publicamente em carne, osso e palavra; um documento a ser apropriado de forma mais favorável pelo próprio grupo retratado e seus descendentes (Lopes, 2011, p. 600).

Já o material iconográfico inventariado no Projeto Memória Camponesa e Cultura Popular, coordenado por Moacir Palmeira, foi recentemente publicado no livro organizado por Marta Cioccarri e A. C. Carneiro, intitulado *Retrato da repressão política no campo – Brasil 1962-1985 – camponeses torturados, mortos e desaparecidos*. Este material iconográfico foi desenvolvido no âmbito dos projetos do Núcleo de Antropologia do Trabalho, Estudos Biográficos e de Trajetórias (NuAT/Museu Nacional/UFRJ), que tem por objetivo promover e estimular um conjunto de iniciativas de registro, pesquisa, divulgação e reflexão sobre a presença econômica, política, social e cultural dos trabalhadores rurais no Brasil (RJ, PE, CE, RN, PB, RS, PR, SP e GO), e de seu papel nas lutas pela reforma agrária. Deste projeto resultou um acervo imagético com depoimentos dos ativistas e o material sonoro organizado por Renata de Castro Menezes e José Gonçalves da Silva no CD “Lutando e Cantando: música e política dos trabalhadores rurais de Pernambuco”.

Numa perspectiva um pouco diferenciada temos estudos que se centram na constituição da memória de trabalhadores rurais, como o de Emilia Pietrafesa de Godói sobre os camponeses sertanejos. Godoi publica um caderno de fotos em seu livro *O trabalho da memória, cotidiano e história no sertão do Piauí* (1999), que trata do resgate das formas de vida e do lembrar suas lógicas de morar, de trabalhar, acompanhada de ilustrações com o mapeamento das comunidades, de genealogia entre camponeses na busca legítima do direito à terra, nas situações de descendência “somada à residência na mesma” que emergem “no primeiro quartel do século XIX com a concessão das terras em troca de serviços prestados ao Estado na conquista dos índios que habitavam aquelas caatingas” (Godoi, 1999, p. 147).

O tema de gênero, sobremaneira sobre a mulher no trabalho rural, ganha preocupação temática no estudo da antropóloga Ellen Fensterseifer Woortmann. É a autora de inúmeros estudos sobre trabalhadores da terra (1994, 1995, 1997), alguns escritos junto com seu marido, Klaas Woortmann, também estudioso do tema do mundo rural e seus embates simbólicos e culturais. Ellen foi a pesquisadora responsável por dois documentários com significativa repercussão pelo pioneirismo da pesquisa sobre gênero. Sob a direção de Tania Montoro, primeiramente conhecemos o documentário *Mulheres de Areia* (1990) que trata da invisibilidade da mulher na produção agrícola, bem como a condição dos homens no trabalho do pescado irregular. Este filme tem por contexto o litoral do Rio Grande do Norte, com pesquisa de acervo fotográfico e documental abordando questões como a violência e a degradação social feminina no seio da própria degradação ambiental. Também objetivando o desvendamento do avesso do trabalho masculino (pescadores e

seringueiros) citamos o filme da mesma diretora, *Mulheres da Borracha* (1991). Este trata da substituição da natureza por elementos que as mulheres passam a produzir no interior “da colocação”, revelando práticas e saberes femininos neste cenário etnográfico.

○ saber e o fazer etnográfico: um aporte imagético

O cenário rural tem sido temática de inúmeras dissertações e teses nos programas de Antropologia Social e também programas de pós-graduação em Sociologia Rural, entre outros. A produção em imagens em pesquisas etnográficas tem sido fruto de atividades laborais em núcleos de antropologia e imagens, sobremaneira nos programas de Antropologia. São núcleos, laboratórios e grupos de pesquisa, cada um com dinâmicas próprias, normalmente com uma infraestrutura com equipamentos fotográficos, de vídeo e som e outros equipamentos auxiliares para captura e edição e constituindo-se em espaço para a discussão da temática do uso do som e da imagem.⁷

De uma forma geral, as produções etnográficas contemporâneas com imagens apresentam-se relacionadas à memória social dos grupos rurais em suas diferentes configurações identitárias como comunidades pesqueiras, comunidades e populações tradicionais, sistemas familiares de agricultura, assentados rurais, evidenciando práticas e saberes locais (inúmeras práticas presentes no cotidiano dos grupos, seus conhecimentos, festas e rituais). Merece destaque também pesquisas com temáticas relacionadas à proposta de cartografias sociais, turismo e conservação ambiental (memória ambiental, conflitos socioambientais, conflitos por territórios, unidades de conservação, agroecologia). No Núcleo de Antropologia Visual na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, arena de formação de pesquisa etnográfica com imagens, o acervo fílmico e expográfico testemunha pesquisas voltadas às condições de vida e expressões culturais em territorialidades rurais como a exposição “Segredo Farroupilha: um roteiro de imagens” (1997), coordenada pela profa. Daysi Barcellos, que problematiza o cotidiano de um assentamento rural do Movimento Sem-Terra no interior do estado gaúcho com fotografias de Alfredo Barros e Liliane S. Gutierrez, pesquisadores do Navisual e Suziene David (Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS). A perspectiva fílmica pode ser exemplificada com o documentário *A herança dos Tronco Velho*, de Rogério

⁷ Detalhes sobre os diferentes grupos encontram-se no sítio da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) sob responsabilidade da comissão de antropologia visual. Disponível em: <<http://antropologiavisualaba.blogspot.com.br/p/nucleos-laboratorios-e-grupos-de.html>>.

Rosa e Ana Luiza Carvalho da Rocha (1999), que tendo por referência o parecer antropológico, jurídico e histórico da Terra Indígena Borboleta/RS/Brasil (1998), constrói uma narrativa biográfica dos herdeiros da luta pela terra dos povos indígenas do sul do Brasil, este realizado no âmbito do projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais, na mesma universidade.

Nesses trabalhos, destacamos três dimensões significativas na pesquisa etnográfica com imagens, a produção fotográfica, a produção videográfica e a produção sonora, cada um ganhando estatuto próprio conforme as especificidades técnicas e potencialidades em termos de tipo de imagem capturada, forma de enquadramento, os objetivos da pesquisa. Também cabe destacar o uso crescente de diagramas, desenhos, ilustrações, mapas, com a exploração do potencial reflexivo de cada uma dessas formas técnicas de representação. Essas estratégias, normalmente apresentando-se em composição com o texto escrito, gradativamente, em propostas mais ousadas, têm ganhado um espaço próprio, passando a constituir-se em um capítulo próprio, ou seja, compondo uma escrita imagética. Tomando essas possibilidades em seu limite, também evocamos os sentidos profundos do encontro etnográfico e a constituição de um universo negociado e compartilhado. No uso das imagens relacionadas à compreensão de categorias de conhecimento por meios não verbais, o paralelismo com propostas que se colocam como participativas conjugam-se as propostas de uma antropologia aplicada (Pink, 2001) e, portanto, propícios para refletir sobre as formas de fazer e interpretar apresentadas sob o rótulo de desenvolvimento rural.

Nesta linha de raciocínio, ancorada na concepção de uma antropologia compartilhada (proposta por Jean Rouch), evidenciamos como um dos horizontes atuais da pesquisa social (sociológica e antropológica em contextos rurais, por exemplo) o reconhecimento do estatuto reflexivo e interpretativo da imagem. A pesquisa com imagens a qual nos filiamos segue a orientação da teoria na práxis, uma teoria vivida que converge com os ensinamentos do antropólogo do imaginário, Gilbert Durand, que em sua obra objetivou o estudo da humanidade como produtora de imagens “o qual não pode pensar nem criar sem passar pelas imagens” (Durand *apud* Pitta, 2005, p. 102).

Referências

ALIMONDA, H.; FERGUSON, J. Travessia de imagens – Um projeto de documentação visual sobre o mundo rural. In: MOREIRA, R.; COSTA, L. F.; BRUNO, R. (Org.). *Mundo rural e tempo presente*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

ALVARENGA, A. C. O *mundo todo nos detalhes do cotidiano*: aspectos teóricos da gênese e da significação na fotografia documentária. Dissertação (Mestrado). Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1994.

ARAÚJO, A. C. Z. (Org.). *Vídeo nas Aldeias 25 anos: 1986-2011*. Olinda: Vídeo nas Aldeias, 2011.

BECKER, H. *Arts World*. Los Angeles: University of California Press, 1982.

BOURDIEU, P. *Photography: A Middle-Brow Art*. Stanford: Stanford University Press, 1990.

BOURDIEU, P. e outros. *Un art moyen: essai sur les usages sociaux de la photographie*. Paris: Éditions de Minuit, 1965.

BRANDÃO, C R. Negro Olhar. *Revista Studium*, n. 11, 2002. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/11/index.html>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

_____. Escrito com o olho – anotações de um itinerário sobre imagens e fotos entre palavras e ideias. In: MARTINS, J. de S.; ECKERT, C.; CAIUBY NOVAES, S. (Org.). *O imaginário e o poético nas Ciências Sociais*. São Paulo: Edusc, 2005, p. 157-184.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. 5.ed. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

CIOCCARI, M.; CARNEIRO, A. *Retrato da repressão política no campo – Brasil 1962-1985 – Camponeses torturados, mortos e desaparecidos*. 1.ed. Brasília: MDA, 2010. v. 1.

CLIFFORD, J. *A experiência etnográfica*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1998.

DUBOIS, P. *O ato fotográfico*. Campinas: Papyrus, 1994.

DURHAM, E. *A caminho da cidade*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

ECKERT, C. *Memória e trabalho*: etnografia da duração de uma comunidade de mineiros de carvão (La Grand-Combe, França). Curitiba: Appris, 2012.

FLUSSER, V. *O universo das imagens técnicas: elogio da superficialidade*. São Paulo: Ana Blume, 2008.

FRY, P. Prefácio. In: DURHAM, E. R. *A dinâmica da cultura*. São Paulo: Cosacnaify, 2004, p. 9-17.

GIRON, L. S.; HERÉDIA, V. B. M. *História da imigração italiana no Rio Grande do Sul*. 1.ed. Porto Alegre: EST, 2007.

GODOI, E. P. *O trabalho da memória, cotidiano e história no sertão do Piauí*. Campinas: Unicamp, 1999.

KOSSOY, B. *Fotografia e história*. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LINS, C. *O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

LOPES, J. S. L. Memória e transformação social: trabalhadores de cidades industriais. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, dez. 2011.

MACHADO, A. *Máquina e imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

MAMMI, L.; SCHWARCZ, L. M. (Org.). *Fotografia*. São Paulo: Mariantonia/Companhia das Letras, 2008.

- MARTINELLO, A. S. *Cotidiano em mudança: o rural brasileiro a partir da obra de Carlos Rodrigues Brandão*. Porto Alegre: [s/n], 2010.
- MARTINS, J. de S. *O Cativo da Terra*. 9.ed. rev. e ampl. São Paulo: Contexto, 2010.
- _____. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo: Contexto, 2011a.
- _____. *Arqueologia da memória social – uma autobiografia de um moleque de fábrica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011b.
- _____. *Sociologia da Fotografia e da Imagem*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2011c.
- MELATTI, J. C. *A antropologia no Brasil: um roteiro*. Rio de Janeiro: BIB, 1984.
- MENEZES, R. C.; SILVA, J. G.; PEREIRA, E. M. M. *Lutando e cantando: música e política dos trabalhadores rurais de Pernambuco*. Rio de Janeiro: Asepa, 2008. CD.
- NOVAES, J. R. Trabalhadores da cana: imagens, memória e identidade. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 73-93, 2004.
- PINK, S. *The future of Visual Anthropology*. London/New York: Routledge, 2001.
- PITTA, D. P. R. *Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand*. Rio de Janeiro: Atlântida, 2005.
- ROUILLÉ, A. *A Fotografia - entre Documento e Arte Contemporânea*. São Paulo: Editora SENAC, 2009.
- SANTOS, J. V. T. dos. *Colonos do vinho: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital*. São Paulo: Hucitec, 1978. (Coleção C. Sociais, Série Realidade Social).
- SCHWARCZ, L. M. *O Sol do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SEGALA, L. A coleção fotográfica de Marcel Gautherot. *Anais do Museu Paulista: história e cultura material*, São Paulo, v. 13, n. 2, dez. 2005.
- SILVA, M. A. M. Das mãos à memória. In: MARTINS, J. de S.; ECKERT, C.; CAIUBY NOVAES, S. (Org.). *O imaginário e o poético nas ciências sociais*. 1.ed. Bauru: EDUSC: 2005.
- TACCA, F. *A imagética da Comissão Rondon*. Campinas: Papyrus, 2001.
- TOLENTINO, C. A. F. *O rural no cinema brasileiro*. São Paulo: Editora Unesp, 2001.
- VIANNA, O. *Introdução à história social da economia pré-capitalista no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.
- WOORTMANN, E. F. *Gênero e meio ambiente na Amazônia brasileira*. 1.ed. Brasília: Instituto Sociedade População e Natureza, 1994. v. 1.
- _____. *Herdeiro, parentes e compadres: colonos do sul e sitiantes do nordeste*. 1.ed. Brasília/São Paulo: EDUnB/Hucitec, 1995. v. 1.
- WOORTMANN, E. F.; WOORTMANN, K. *O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa*. 1.ed. Brasília: EDUnB, 1997. v. 1.
- WOORTMANN, K. A. A. W. A antropologia brasileira e os estudos de comunidade. *Universitas*, Salvador, n. 11, jan./abr. 1972.

Filmes

A HERANÇA DOS TRONCO VELHO. Direção e produção: Rogério Rosa e Ana Luiza Carvalho da Rocha. Porto Alegre: BIEV, 1999. NTSC, 28 min., color., son.

ARUANDA. Direção: de Linduarte Noronha. Produção: de Noronha e Vieira., Rio de Janeiro, 1960. Filme 35mm, 22 min., p&b., son.

AS MULHERES DA AREIA. Produção: de Tânia Siqueira Montoro. Brasília: Unifem (ONU)/CPCE (UnB), 1990. 19 min., color., son.

CABRA MARCADO PARA MORRER. Direção: Eduardo Coutinho. Produção: Zelito Viana., Direcao: Eduardo Coutinho. Brasil: H2O Filmes, 1984. Filme 35 mm, 100 min., p&b., son.

CALIFÓRNIA À BRASILEIRA. Direção: José Roberto Novaes, Francisca Alves, Cleisson Vidal. Rio de Janeiro: CEDI/CUT, 1991. DVD, 27 min., color., son.

CONFLITO. Direção, roteiro e produção: José Roberto Novaes. Rio de Janeiro: Projeto Educação através das Imagens/UFRJ, 2012. DVD, 20 min., color., son.

DEUS E O DIABO NA TERRA DO SOL. Direção: Glauber Rocha. Produção: Copacabana Filmes., direção: Glauber Rocha. Rio de Janeiro: Copacabana Filmes, 1964. Filme 35 mm, 125 min., p&b., son.

EXPEDITO: EM BUSCA DE OUTROS NORTES. Direção: Aida Marques, José Roberto Novaes. Produção: Aida Marques, José Roberto Novaes, Adonia Prado, Rosilene Alvim, Ricardo Rezende., direção: Aida Marques, José Roberto Novaes. Rio de Janeiro: MP-2 Produções e Comitê Rio Maria, 2006. Vídeo digital, 70 min., color., son.

GAIJIN – OS CAMINHOS DA LIBERDADE. Direção: de Tizuka Yamasaki. Produção: de Carlos Alberto Diniz., Brasil, 1980. 112 min., color., son.

GUARIBA 1984. Direção e produção e direção: José Roberto Novaes e Francisco Alves. São Paulo: UFRJ/UFSCar/ FERAESP, 2002. DVD, 17 min., color., son.

JOÃO SEM TERRA. São Paulo/ Porto Alegre: NEAD/MDA, BIEV/UFRGS, 2009. DVD, 90 min., color., son.

MIGRANTES. Direção: José Roberto Novaes, Francisca Alves, Cleisson Vidal. Rio de Janeiro: MP-2 Produções, 2009. DVD, 30 min., color., son.

MULHER DA BORRACHA. Direção: David Pennington., Produção: de Tânia Siqueira Montoro. Brasília: Unifem (ONU), 1991. 15 min., color., son.

NUVENS DE VENENO. Produção e direção: José Roberto Novaes. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/Fundação Oswaldo Cruz, 2013. DVD, color., son.

O CINEMA COMO UMA DANÇA. Entrevista com Jean Arlaud, cineasta e antropólogo. Produção: Rafael Devos, Olavo Marques, Ana Luiza Carvalho da Rocha, Cornelia Eckert, João Castelo Branco, Peri Carvalho, Flávio Abreu. Porto Alegre: BIEV – Banco de Imagens e Efeitos Visuais/ – PPG Antropologia/ – UFGRS, 2004. NTSC/ MiniDV, 35 min., color., son.

TECIDO MEMÓRIA. Direção e produção: e direção de Sergio Leite Lopes, Celso Brandão e Rosilene Alvim. Rio de Janeiro: Museu Nacional/UFRJ, 2009. DVD, 70 min., color., son.

TERRA DE QUILOMBO – UMA DÍVIDA HISTÓRICA. Direção: Murilo Santos. Produção: Rosenita Santos., direção: Murilo Santos. São Luís: ABA – Associação Brasileira de Antropologia, 2004. DVD, 52 min., color., son.

TERRA PARA ROSE. Produção e direção: Tete Moraes. Vemver Comunicação, Embrafilme – Empresa Brasileira de Filmes, 1987. 84 min., color., son.

VIDAS SECAS. Direção: Nelson Pereira dos Santos. Produção: Luiz Carlos Barreto., diretor: Nelson Pereira dos Santos. Brasil; Sino Filmes, Rio Filmes, Sagres Vídeo, 1963. Filme 35 mm, 100 min., color., son.